



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10152 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

História da arte em des-remontagens - experimentações de entre-tempos na educação

Carin Cristina Dahmer - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

História da arte em des-remontagens – experimentações de entre-tempos na educação

Resumo

Este texto convoca a história da arte enquanto campo de experimentações de tempos na educação, por des-remontagens na história da arte e pelo acionamento de entre-tempos na cronologia. Propõe-se uma mudança de perspectiva frente ao tempo e a história da arte, para assim desencadeá-los de uma sucessão de presentes, para então impulsioná-los a criação, através de algumas experimentações possíveis. Para tanto, aposta-se em uma abordagem de desarranjo do tempo, a partir de Deleuze (2013) e Pelbart (2015), e com Deleuze e Guattari (2005), ao propor uma história da arte que ganha vida diante dos espaços educativos, para produzir sulcos e fendas em tempos sucessivos, e vincos e brechas na cronologia. Com Didi-Huberman (2015, 2017, 2018), articula-se a história da arte à educação ao apontar o tempo como anacrônico, enquanto potência criadora, por seus restos e vestígios. Para tal, lança-se como método de investigação a noção de des-remontagem, disparando o engendramento de uma história da arte por suas miudezas, propondo a produção de sentidos nos meandros da história da arte. Assim, viabiliza-se a convivência dos tempos pela cesura da linearidade, em proveito de experimentações possíveis entre os espaços educativos e as imagens da história da arte.

Palavras-chave: Des-remontagens. História da arte. Entre-tempos. Educação.

A história da arte enquanto campo de experimentação de tempos na educação das artes visuais é o ponto de problematização convocado para a elaboração deste trabalho. Para tanto, parte-se de questionamentos sobre o tempo e os possíveis arranjos com a história da arte, a partir de Deleuze (2013) e Pelbart (2015), para que possa ser abordado de maneira a deslocar sua cronologia, por um processo que invista no acontecimento, entre-tempos (DELEUZE, GUATTARI, 2005).

O passado da história da arte, que tanto nos parece distante, pode ser tomado por pequenos respingos, fôlegos necessários para que este conteúdo seja tramado por

experimentações, para além da memorização de suas características, contextos, biografias e análises de obra. Nesse sentido, tanto o tempo quanto a história da arte podem ter suas passagens lineares suspensas, na medida em que um intervalo é produzido em sua cronologia, um processo que se aproxima da noção de entre-tempos elaborada por Deleuze e Guattari (2005), não mais como a passagem de um instante a outro, mas como acontecimento que não passa, nem cessa, mas produz uma diferença entre seus conteúdos.

Para Deleuze e Guattari (2005) os entre-tempos são os acontecimentos nesta nova percepção do tempo, em que estes estão vazios de definições ou regulações, mas potentes de coexistência de temporalidades, pois não podem ser definidos e balizados, são postos na suspensão de suas certezas. Neste sentido, os entre-tempos como acontecimento correspondem aos momentos de suspensão da linearidade do tempo, não mais o contamos em uma linha reta ou o dividimos em períodos, o acontecimento “[...] marca uma cesura, um corte, de modo que o tempo se interrompe para retomar sobre um outro plano (daí a expressão entre-tempos)” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 26). Portanto, o acontecimento não passa, pois é o momento do agora, em que nem passado, presente ou futuro podem ser identificados e catalogados na história, a representação do tempo é deslocada, de modo que não haja mais representação.

De modo geral, a história da arte ainda é apresentada na educação a partir de uma linha do tempo, na qual “a inteligência só consegue pensar o tempo à custa de variadas mudanças na sua natureza: ela o parcela, divide, mede, reconstrói” (LAPOUJADE, 2017, p. 12). Esta mudança de perspectiva sobre o tempo, aqui proposta, corresponde a uma mudança na forma de pensamento, que propõe que a história, a arte e o tempo possam ser operados fora de suas representações usuais, de uma narrativa sequencial, de uma imagem representativa, e de um tempo linear, possibilitando que a vida se infiltre em seus meandros e crie relações diversas.

A história da arte pode se constituir como acúmulo de seu passado, quando abordada como representação do tempo, pois “ao reduzir o passado ao seu registro, ou se persegue o sonho impossível de dar uma representação exaustiva de um evento histórico; ou limita-se a descrever o contexto original dos eventos”^[1] (TUINEN; ZEPKE, 2017, p. 11, tradução nossa). Porém, pode também ser abordada a partir deste intervalo produzido em sua narrativa sequencial, em que esta relação entre a história e o tempo produz um afrouxamento na narrativa, na linearidade, permitindo a intermitência de tempos plurais, assim como a história – histórias, que ao perderem seu caráter monumental, acolhem montagens em sua produção. Dessa forma, a história e o tempo podem sofrer algumas suspensões de suas certezas, ao se deslocar entre uma história como consolidação de um saber factual e um saber não temporal e singular, que acolhe os elementos da vida, movendo-se entre o tempo linear e o tempo labiríntico, sem o abandono ou estabelecimento de uma sobre a outra, mas permitindo deslocamentos entre suas fissuras.

Dessa forma, a história da arte pode ser desencarnada de suas verdades, nomeações, representações, ao ser assombrada pelo que não está visível na obra de arte, conforme aponta Didi-Huberman (2013), convocando seus intervalos, acontecimentos, como fantasmas que rondam as imagens e irrompem na encarnação singular de cada olhar.

Para a mobilização desta escrita, entre os campos da história da arte, do tempo e da educação, apresenta-se como método de pesquisa a des-remontagem. Didi-Huberman (2015, 2017, 2018) apresenta as noções de desmontagem e remontagem das imagens, porém não as desenvolve em suas publicações como um método, mas surge em seus textos como noções que possibilitam um processo de criação. Frente a isso, tomou-se a liberdade de fazer um uso diferente desta noção, aqui elencada como ponto nevrálgico para esta pesquisa, na medida em

que é operada como método deste processo de desfazer e refazer uma imagem, um pensamento, na medida em que possibilita a suspensão de significações e definições, para então permitir a produção de experimentações e de sentidos, no que diz respeito a sua provocação, pelas desmontagens de suas margens e remontagens de seus sentidos.

Os processos de desmontagem e remontagem das imagens, do tempo e da história, introduzem uma desordem no encadeamento do tempo, de seus modelos pré-existentes, em prol da produção disforme de uma força de criação, acolhendo acontecimentos, entre-tempos, na produção de outras histórias da arte. Relaciona-se a des-remontagem à recolha e ao rearranjo dos restos, detritos, escombros e miudezas, convidando as impurezas do tempo, do que não tem lugar na sua linearidade, para habitar uma imagem ou uma pesquisa, de modo a problematizar a relação entre educação, história da arte e tempo.

Para Didi-Huberman (2013) a história da arte foi tomada pelas certezas de uma disciplina que se propôs a construir um conhecimento específico sobre o objeto da arte. O autor propõe interrogar as certezas que a história da arte apresenta e que elenca como relevantes para a construção desse conhecimento e saber. Esse passado opera sem restos, pois como afirma Didi-Huberman (2013, p. 11) “os livros de história da arte [...] sabem nos dar a impressão de um objeto verdadeiramente apreendido e reconhecido em todas as suas faces, como um passado elucidado sem resto”. Sendo assim, vale perguntar: como podemos operar na educação as reminiscências da história da arte?

A história da arte perpassa tanto o tempo cronológico, suas certezas e representações, como pode ser desdobrada por um tempo não-cronológico e não sucessivo, por entre-tempos do acontecimento, pelos restos e pelas sobras desta história da arte tradicional. Portanto, há diferentes meios de se relacionar com o tempo, pode ser por um percurso movente, onde não se abandona a história da arte, mas a engendra em um tempo diferente, o tempo do acontecimento, entre-tempos, o que consiste em introduzir em sua feitura a criação, engendrando fissuras nos tempos. O desafio seria este, como afirma Didi-Huberman (2013, p. 40), “fazer essa história, pois ela exige encontrar a articulação de dois pontos de vista aparentemente alheios, o ponto de vista da estrutura e o ponto de vista do acontecimento – isto é, a abertura feita na estrutura”.

Então, o que fazer com os acontecimentos em educação que não têm lugar no tempo cronológico? Que não se inserem nos conteúdos? Para Pelbart (2015, p. 94), eles vagueiam o tempo, errantes, perambulam pelas fronteiras, em meio à vida, pois “o tempo regular é estreito demais para abrigar todos os acontecimentos”. De fato, duas leituras do tempo se emaranham no espaço de uma sala de aula, e ao afrouxarmos o controle e a vigilância sobre sua sucessão, outros tempos e histórias passam a ser produzidas pelos/pelas estudantes.

Assim, problematiza-se o ensino da história da arte e apresenta-se um recorte de uma experimentação que se deu com estudantes de um curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais. Os/As estudantes foram convidados/as a manipular as imagens da história da arte, que são muito difundidas, de artistas como: Salvador Dalí, Sandro Botticelli, Diego Velázquez, Edvard Munch, Edgar Degas, entre outros; assim como outros materiais dispostos na sala: imagens, textos e demais recursos, para então realizar uma experimentação a partir da proposição de que produzissem tentativas de des-remontagem com a imagem escolhida. Lançou-se como desafio selecionar uma imagem da história da arte para que pudessem desmontá-las de seus significados e remonta-las pelas incorporações de elementos, para assim produzir uma nova imagem.

As imagens eram desmontadas em muitos fragmentos, suas margens se desfaziam, permitindo com que outros elementos também ingressassem nessas composições. Entre recortes de revistas, letras que formavam novos sentidos e palavras, estilhaços eram

remontados em uma forma disforme, que entre sobreposições davam a ver o tempo de imobilidade que antes conservava a imagem da história arte, e que agora era dissolvida pela criação com seus restos, suas pequenas partes, mínimos detalhes de alguma obra de arte, que talvez não tenha relevância para uma abordagem da análise historiográfica, mas que agora ganhava velocidade pelo que desfazia e fazia neste encontro.

O exercício de abordar as imagens da história da arte por um viés do acontecimento, do que irrompe irregularmente acerca de determinada imagem, deu-se pela suspensão de algumas certezas. Para quem já conhecia sua análise iconográfica, o desafio era produzir novas articulações com aquela imagem, que não corresponde a sua identificação na linha do tempo, sua autoria, mas que diz respeito a cada um/a. Estas imagens quando esvaziadas de suas significações e definições prévias, ao serem deslocadas da história da arte, de seu lugar estático como imagem reconhecível e identificável, abre-se espaço para que aconteçam pequenos deslocamentos do tempo, para a convivência de tempos, para o que essa imagem do passado agora produz, um lampejo neste instante, evento que só pode acontecer ao não dizermos tudo o que sabemos, ao não entregarmos as representações dessas imagens como um arquivo a ser apreendido, mas a ser composto por cada estudante.

Ao infligir na imagem cortes, rasgaduras, perfurações, sobreposições, colagens, houve a tentativa de produção de uma imagem diferente, que antes não estava ali, nesse sentido, não há a repetição de formas, mas a criação de forças que antes não ocupavam o espaço daquela imagem, esse processo requer pensamento e não apenas reconhecimento.

Colocamo-nos nesta zona incerta, do que pode ser produzido com a des-remontagem, nos deslocamos não somente da linearidade da história da arte, como também nos deslocamos sobre o que organiza o pensamento e a vida. Ao propor estarmos em uma zona de experimentação com a história da arte, com outras imagens em geral, com a história e o próprio tempo, as estruturas de pensamento também são desarranjadas, o que pode viabilizar a des-remontagem dos modos como tendemos, ou somos levados/levadas/ensinados/ensinadas a organizar e normatizar a vida em determinados padrões. O desafio estaria em permitir que essas dobras e torções ocorram, em diferentes aspectos da vida, o que inclui a educação e a arte, assim como pensar em diferentes estratégias que desvinculem as imagens e nós mesmos/mesmas de nossas certezas, des-remonta-las poderia ser uma destas possibilidades.

Referências

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Cinema II. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. Tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Tradução Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Tradução Márcia Arbex e

Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. Tradução Hortencia Santos Lencastre. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

TUINEN, Sjoerd van. ZEPKE, Stephen. Introduction: Art history after Deleuze and Guattari. In: **Art History after Deleuze and Guattari**. TUINEN, Sjoerd. ZEPKE, Stephen. (orgs.). Belgium: Leuven University Press, 2017.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.

[1] “In reducing the past to its recordings, it either pursues the impossible dream of giving an exhaustive representation of a historical event [...] or it limits itself to describing that event’s original context” (TUINEN; ZEPKE, 2017, p. 11).